

**IMPLODINDO LUZIA:
TRAÇANDO A CONSTRUÇÃO
DE RAÇA, ETNICIDADE
E NACIONALIDADE
NA ARQUEOLOGIA
BRASILEIRA***

MARCUS A. S. WITTMANN**



ARTIGO

Resumo: *este artigo se propõe a analisar a construção do conhecimento arqueológico referente à Luzia, o hominídeo mais antigo encontrado no Brasil. Traçando os diferentes locais, tempos, métodos e teorias pelas quais o crânio do Hominídeo I, da Lapa Vermelha IV, passou, pretende-se mostrar como sua identidade, de primeira brasileira, foi formada pela arqueologia brasileira e pela mídia. Seguindo controvérsias e debates acerca de Luzia, desde sua descoberta na década de 1970 até a solidificação de sua identidade brasileira na década de 1990 e na manutenção e uso dessa verdade nota-se, atualmente, como Luzia foi constituída como um fato científico de grande relevância para a arqueologia brasileira e mundial. A implosão - conceito proposto por Haraway - do processo de construção do conhecimento e de extroversão deste sobre Luzia nos mostra como os conceitos de raça, etnicidade e nacionalidade são constituídos na e pela arqueologia brasileira.*

Palavras-chave: *Antropologia da Ciência. Arqueologia. Luzia.*

*Pense num dia com gosto de infância
Sem muita importância procure lembrar
Você por certo vai sentir saudades
Fechando os olhos verá
Doces meninas dançando ao luar*

* Recebido em: 12.01.2018. Aprovado em: 16.11.2018

** Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador associado do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais e do Laboratório de Arqueologia e Etnologia da mesma universidade. *E-mail*: wittmann.marcus@gmail.com

Luzia é fruto de uma série de deslocamentos. Os restos esqueléticos do indivíduo que hoje conhecemos comumente como Luzia foram encontrados dispersos em uma Lapa na Região de Lagoa Santa, Minas Gerais. Seu crânio, quase um personagem por si só nessa história, encontrava-se em uma camada estratigráfica muito mais abaixo do restante de seu corpo, fato esse causado por um desbarrancamento. A ida dos ossos do Hominídeo I da Lapa Vermelha IV, o nome técnico de Luzia, para o Museu Nacional do Rio de Janeiro e as posteriores análises e datações efetuadas por Neves geraram o início de diversas controvérsias, debates e disputas, tanto na arqueologia brasileira, quanto fora do campo científico. Os dados mostravam que essa mulher não era apenas o hominídeo mais antigo encontrado em solo brasileiro, mas também possuía traços negroides, diferentes dos traços mongoloides dos indígenas americanos atuais. Entretanto, tal fato só seria alçado à condição de uma grande descoberta científica com a ajuda de outras pesquisas parecidas na América e com a reconstituição facial do crânio – reconstituição essa feita na Inglaterra e financiada pela BBC, uma emissora britânica, para um documentário sobre o povoamento do continente americano. A partir desses diferentes eventos, aquele crânio encontrado no fundo de uma gruta com outros pouquíssimos restos arqueológicos foi transformando-se na face da primeira brasileira.

O objetivo deste artigo é traçar as controvérsias e disputas acerca da constituição do fato científico conhecido como Luzia, desde a escavação na Lapa Vermelha IV, passando pela reconstituição facial, até o frenesi da mídia sobre a sua identidade. A finalidade aqui não é destruir ou minar a produção científica de Luzia, mas apontar os mecanismos de constituição do conhecimento acerca dela e da arqueologia de forma geral. A reflexão vai ao encontro de pensar e descrever como o conhecimento e fatos científicos são constituídos e consolidados, não apenas através de teorias, métodos e cientistas, mas também por instituições, por políticas, pelo Estado e pelo discurso da mídia. Ressalta-se também a importância da discussão sobre constituições faciais através de restos esqueléticos. Esse ato de dar um rosto ao passado, cada vez mais utilizado na arqueologia e consumido pela mídia e público em geral, deve ser ainda muito discutido e (re)pensado no que tange aos efeitos, às causas e às suas implicações. Muito se critica a arqueologia brasileira por possuir um discurso de afastamento entre culturas pretéritas e os povos indígenas atuais, e a prática de construção de rostos através de crânios arqueológicos pode diminuir esse espaço, aproximar o público e a sociedade das práticas e conhecimentos arqueológicos. Todavia, deve-se atentar à como esses rostos são fabricados e qual discurso está ligado a eles.

Luzia, como todo objeto científico e de pesquisa, é efeito de tecnologias e da nossa interação com o mundo, sendo assim sofre diferentes interferências e passa por momentos de estabilidade – quando suas controvérsias são postas em ausência – durante sua constituição (M'CHAREK, 2010, p. 2). A antropologia da ciência vem mostrando como fatos científicos são fluídos, constituídos por diferentes controvérsias e disputas nas suas constituições como tais. Indo contra uma visão tradicional da ciência como algo exato, objetivo e livre de influências sociais, políticas e culturais, diferentes trabalhos (HARAWAY, 1995, 2014 a, b; LATOUR, 2011; LAW, 2004; M'CHAREK, 2010, 2013,

2014) vêm traçando e problematizando como fatos e verdades científicas são fabricadas. Tal perspectiva, tal posição frente ao estudo da ciência, vem ao encontro das teorias pós-processualistas na arqueologia (HODDER; HUDSON, 2003), a qual pensa a produção sobre o passado como localizada social, política e culturalmente no presente.

Esse tipo de análise da antropologia da ciência pode nos levar a uma reflexão mais aprofundada sobre como o nosso conhecimento é estabelecido, dando-nos subsídios para refletir sobre a produção e importância de fatos científicos no Brasil e fora dele. Ao traçar estes diferentes deslocamentos de Luzia, sejam estratigráficos, científicos ou ideológicos, podemos notar melhor o papel da arqueologia e dos outros campos científicos e midiáticos que a cercam na construção de raça, etnicidade e nacionalidade enquanto termos discursivos de poder e consolidação de uma certa ideologia e visão de mundo. Essas categorias, como apontadas por Haraway (2004a) e M'Charek (2013), são construtos tanto sociais e políticos, quanto científicos e culturais que assinalam o pertencimento, a marcação de algo como referente a um certo lugar, a um certo grupo, a uma certa posição social e política que não são aquelas não-marcadas, geralmente referentes à branquitude e à masculinidade. Raça, etnicidade e nacionalidade são diferenças materializadas por e em Luzia, em suas diferentes características, práticas e tempos atrelados na sua constituição enquanto um fato científico. Essas categorias marcam Luzia e são utilizadas em um discurso que insere ela na esfera de um pertencimento nacional completamente anacrônico, como veremos mais adiante.

Antes de adentrar mais na história de Luzia, é importante esclarecer alguns pontos de análise propostos por este artigo: o termo implodir, conceito proposto por Haraway (2004a), utilizado no título não possui um sentido referente à destruição, mas sim de fragmentação. O intuito é analisar as diferentes partes que atuam na construção e estabilização de uma “verdade científica”, assim como sua objetividade aparente. Sendo assim, pode-se ver toda a heterogeneidade de que um objeto científico é constituído, abrindo nosso olhar para a multiplicidade de fatores incluídos na formação de um fato, como questões técnicas, políticas, econômicas, históricas, míticas, teóricas, midiáticas, de produção de texto, de gênero, entre outros (HARAWAY, 1995, 2004ab; DUMIT, 2014). É um exercício tanto de análise da construção de um fato científico, quanto da construção do conhecimento acerca dele.

Esta descrição de diversos ângulos do mesmo objeto, no caso Luzia, abre para outro conceito importante, o de *folded objects*. Esses objetos dobrados possuem uma relação intrínseca com o tempo e a temporalidade em que estão inseridos e nas relações políticas que performam através disso (M'CHAREK, 2010, 2013, 2014). Desse modo, estes objetos não apenas desaceleram o tempo, mas também o retêm em si. *Folded objects* são multitemporais, ou seja, são constituídos por diferentes tempos, lugares e por diferentes práticas que são postas em conjunto (M'CHAREK, 2010, 2014). Essa perspectiva não propõe uma linha de tempo na qual a história de um certo objeto se desenvolve, mas sim, o foco no objeto em si e em suas diferentes camadas e sobreposições, nos diferentes contextos, discursos e teorias que constituem e consolidam esse objeto científico como tal. Luzia não apenas se desloca no tempo cronológico e no espaço, mas também vai se desdobrando – mostrando, guardando e constituindo categorias, ideologias, práticas e fatos científicos.

Todavia, tanto a ação epistemológica de implosão, que será feita ao longo do artigo, e o conceito de *folded objects*, que coloca Luzia no centro da discussão sobre diferentes práticas, tempos e controvérsias, ainda não parecem ser o bastante para

compreender uma questão chave nesta história. Deve-se ainda dar conta de entender como certos pressupostos do conhecimento arqueológico foram construídos ao longo do tempo e como se dá a relação com atores e instituições fora da ciência. Sendo assim, pode-se pensar nos coletivos de pensamento que ajudaram a formar a arqueologia brasileira como a conhecemos hoje, as diferentes comunidades de troca e influência de pensamento, a unidade social de cientistas que cria e impõem certos estilos de pensamento, seus pressupostos do saber. Estilo refere-se aqui não apenas ao conjunto de teorias, métodos e ideias, mas também a uma “coerção definida de pensamento a disposição para uma e não para a outra maneira de perceber e agir” (FLECK, 2010, p. 110).

No caso em tela, o corpo de cientistas, objetos e fatos científicos que formam as duas teorias opostas, que serão explanadas a seguir: a *Clovis First* e a dois componentes biológicos principais. Dentro de cada um desses coletivos e estilo de pensamento aborda os métodos de datação, de análise esquelética, de escavação dos remanescentes arqueológicos e os de reconstrução de rostos a partir de crânios humanos. Tendo essa base, parte-se para a relação entre os círculos esotéricos e exotéricos; o primeiro se define pela relação direta com a formação de pensamento, pela coação de seguidores e fortalecimento de modos de pensar e de ideias; já o segundo pela estabilização e extroversão desse conhecimento, mas também de sua simplificação e generalização, para um público maior (FLECK, 2010, p. 150).

O círculo exotérico, assim, fortalece socialmente o esotérico, consolidando, legitimando e estabelecendo seus pressupostos, além de esconder suas controvérsias. O círculo esotérico que abarca Luzia passa tanto pelos cientistas e arqueólogos participantes na sua construção, quanto os projetos, periódicos, livros e demais publicações que a fortalecem enquanto fato científico consolidado dentro do meio científico arqueológico. Já ao exotérico pertence, principalmente no caso de Luzia, a mídia: jornais, revistas e programas de TV, o evento dos 500 anos do Brasil e a ideia de nação e de identidade nacional.

Para manejar estes conceitos serão utilizados tanto trabalhos científicos, quanto entrevistas e vídeos produzidos pela grande mídia a respeito de Luzia. Acessando tanto o contexto e influências na produção do conhecimento arqueológico quanto o uso deste para um discurso de produção de identidade nacional. A construção de Luzia será apresentada em três desdobramentos distintos: 1) de lugar, do sítio arqueológico para o Museu Nacional; 2) de material, quando o osso vira argila; e 3) ideológico, quando Luzia se transforma em brasileira.

DA GRUTA PARA O MUSEU

A região cárstica de Lagoa Santa pode ser considerada o berço da arqueologia brasileira. Foi lá que no século XIX um geólogo dinamarquês, Peter Lund, encontrou esqueletos humanos em sítios onde há também remanescentes ósseos da megafauna. Nascia assim a raça de Lagoa Santa, catapultando a arqueologia brasileira para dentro do cenário científico mundial. Não adentrarei aqui nas especificidades dos trabalhos de Lund e de outros feitos em Lagoa Santa, pois esse assunto já foi tratado em diversas obras de modo muito mais profundo do que podemos ofertar no espaço que aqui possuímos (HURT, BLASI, 1969; LAMING-EMPERAIRE, 1979; MELLO E ALVIM, 1977; NEVES, PILÓ, 2008; PROUS, 1991). O que me preocupa, e é onde foco minha atenção, é a construção de Lagoa Santa como um polo da arqueologia brasileira. Isso se

deve em parte ao grande número de ossadas humanas encontradas lá, sua antiguidade e morfologia. Por outro lado, o interesse, tanto da comunidade científica quanto do governo brasileiro, não era apenas de cunho arqueológico.

O século XIX e início do XX foram marcados no Brasil por uma forte relação da ciência com o estado. Na arqueologia não era só Lagoa Santa que era utilizada para mostrar as riquezas do país, mas também os grandes Sambaquis¹ do litoral e as culturas ceramistas amazônicas. Sendo assim, não é por acaso que foi nessa época que os museus ganharam mais força no cenário científico brasileiro, passando assim uma visão de mundo e do Brasil para o grande público. Visão esta, baseada na racialização, mestiçagem e nos mitos de superioridade da raça branca europeia sobre as outras (SCHWARCZ, 2015). É nesse período que ocorre a institucionalização da arqueologia, principalmente no Museu Nacional do Rio de Janeiro e no Museu Paulista (FERREIRA, 2010). A formação de profissionais na área arqueológica ainda não existia propriamente dita, a maioria daqueles que praticavam essa ciência vinha de outras áreas como medicina, odontologia, antropologia física, dentre outras. Foi apenas nas décadas de 1950 e 1960 que iniciaram no Brasil cursos e disciplinas de arqueologia em universidade.

Lagoa Santa foi o grande foco de pesquisas durante esse período, porém foi apenas na metade final do século XX que o mais conhecido achado viria à tona. A descoberta dos remanescentes ósseos do Hominídeo I da Lapa Vermelha IV ocorreu em duas campanhas de escavação diferentes organizadas pela Missão Franco Brasileira, coordenada pela arqueóloga Annette Laming-Emperaire. A primeira, em 1974², atingiu uma profundidade de cerca de 11 metros, na qual alguns ossos humanos já são encontrados. Entretanto, é apenas no ano seguinte, em 1975, que um crânio é descoberto na profundidade de 12,9 metros³. Nesse momento não se tinha certeza absoluta se todos esses ossos pertenciam a um único indivíduo⁴, embora já se soubesse que se tratava de uma mulher⁵ com mais ou menos 1,50m de altura e entre 20 e 25 anos de idade. Foi nessa campanha que o carvão vegetal encontrado perto do crânio foi recolhido para datação, a qual só ocorreria anos depois. Interessante apontar duas questões sobre esse carvão analisado, o material base para a datação via Carbono 14: ele não pertencia a nenhuma estrutura de queima, como uma fogueira, por exemplo, logo, pode-se perguntar se não há a possibilidade desse carvão ser um remanescente natural e não antrópico; além disso, não há certeza absoluta da correlação entre a profundidade estratigráfica dos remanescentes ósseos e do carvão, já que os primeiro podem ter se deslocado ao longo dos anos para camadas mais abaixo (FEATHERS *et al.*, 2010, p. 400).

Nos dois primeiros artigos que tratam da descoberta do que viria a ser Luzia (MELLO E ALVIM, 1977; LAMING-EMPERAIRE, 1979) já se aponta a possível antiguidade elevada dos achados e sua importância. No trabalho de Laming-Emperaire apenas se descreve a estratigrafia do sítio Lapa Vermelha IV e que, dentre outros ossos, foi encontrado um crânio intacto que “pode ser considerado mais antigo do que 12 mil anos” (LAMING-EMPERAIRE, 1979, p. 71)⁶.

O trabalho da arqueóloga Mello e Alvim apresenta uma breve nota sobre o crânio de Luzia (aqui ganhando a denominação analítica de Crânio nº 77), mas logo o transforma em apenas um dado estatístico de medição de outros crânios de Lagoa Santa. Interessante apontar que aqui já é notada uma diferença morfológica entre os hominídeos dessa região e os indígenas atuais. Essa outra morfologia depois seria definida como negroide, através de medições craniométricas feitas por Neves e Pucciarelli (1989; 1991). Luzia, e todos os outros crânios de Lagoa Santa com antiguidade parecida, não

tinham os mesmos traços fisionômicos que os indígenas americanos atuais, os quais são mongoloides; o “Povo de Luzia” era muito mais semelhante aos aborígenes australianos. A partir disso foi proposta a teoria da ocupação da América por dois componentes biológicos principais: primeiro os humanos de morfologia negroide e, depois, os mongoloides – que dariam origem aos indígenas atuais. O que não é esclarecido de forma tão aprofundada é como se deu a substituição de uma população por outra, já que a fisionomia mongoloide é a grande maioria da população nativa atual; propõe-se ou uma extinção ou trocas genéticas. Todavia, há alguns estudos genéticos em crânios de Lagoa Santa e de outras regiões da América que mostram que não necessariamente a carga genética da população negroide seria diferente da dos mongoloides (GONZÁLEZ-JOSÉ *et al.*, 2008). Luzia poderia ter semelhanças genéticas com os indígenas americanos.

Todavia, Luzia é Luzia não por causa de seus traços negroides, encontrados em outras centenas de crânios em Lagoa Santa e outras localidades na América, mas sim por sua datação, por sua antiguidade. Afinal, ela é o único exemplar humano em toda a região de Lagoa Santa, e no Brasil, que atinge essa data. Contudo, é exatamente aí que as maiores controvérsias se encontram. Talvez não por acaso, na datação reside os maiores problemas, controvérsias e disputas, e é também na qual se pode ver os diversos métodos, técnicas e instrumentos que a arqueologia utiliza em sua prática.

Uma datação mais exata do crânio de Luzia não foi possível, pois este não reteve colágeno, material que seria passível de datação via Carbono 14. Logo, o método utilizado foi a datação do carvão encontrado em diferentes camadas do sítio arqueológico, inclusive junto ao crânio, relacionando essas datas com a formação estratigráfica do local. Esta técnica de datação relativa, bem comum na arqueologia, aponta para uma antiguidade que varia entre 11.500 e 11 mil anos A.P.⁷ (NEVES, PILÓ, 2008, p. 136). Nas palavras de Neves, o maior especialista sobre Luzia, esta datação foi um “chute calculado”⁸. Uma publicação posterior (FEATHERS *et al.*, 2010), fazendo uma análise microscópica dos sedimentos da Lapa Vermelha IV e datando-os, aponta a mesma antiguidade para o crânio de Luzia⁹. Amostras de carvão coletadas por Laming-Emperaire, na década de 1970, e dadas como perdidas também foram datadas, confirmando a antiguidade do sedimento onde Luzia foi encontrada (FONTUGNE, 2013). Entretanto, há também a informação de que o laboratório que fez as datações conseguiu um resíduo orgânico que pode ser do crânio, o qual indicou uma antiguidade que não ultrapassaria os 10 mil anos A.P. (FEATHERS *et al.*, 2010, p. 398), o que não colocaria Luzia no rol dos mais antigos restos humanos da América. Este material datado, no entanto, é considerado contaminado além de não se ter certeza de sua procedência (NEVES *et al.*, 1999, p. 46).

As especificidades físicas e químicas dos métodos de datação não cabem ser expostas e discutidas a fundo aqui. Entretanto, como mostrado por Law (2004), é interessante pensar que diferentes métodos e objetos de medição, nos quais entra a datação por Carbono 14, são *inscription devices*, ou seja, tecnologias que transformam materiais em dados, em fatos. O carvão que foi associado ao crânio do Hominídeo I da Lapa Vermelha IV transformou-se em uma data, em uma antiguidade. O método de datação por Carbono 14, por ser entendido como confiável e seguro, cientificamente, apaga as instabilidades e não-coerências que surgem nesse processo de inscrição. Estabilizando, assim, dados científicos, dá-se objetividade a eles, e se retiram as controvérsias, a subjetividade e agência dos atores humanos e não humanos envolvidos em sua constituição (LATOURE, 2011, LAW, 2004).

Essa datação mais antiga e o modo como os ossos de Luzia foram encontrados levaram os pesquisadores a duas conclusões: primeiro, através do estudo do paleoclima da região, nessa época a área não se encontrava com vegetação, fauna e clima propícios para a ocupação humana, logo, o grupo de Luzia deveria estar apenas de passagem por Lagoa Santa (NEVES; PILÓ, 2008, p. 309). Segundo, Luzia não teve um funeral propriamente dito, seu corpo ficou apenas jogado ao solo. Além disso, a causa da morte não foi solucionada, alguns falam em morte por acidente, outros em um ataque de algum animal (NEVES; PILÓ, 2008, p. 278).

Qual seria a grande contribuição de Luzia no cenário arqueológico mundial se ela tivesse essa datação de quase 12 mil anos? Até o final da década de 1990 a teoria em voga era a de que os primeiros grupos humanos chegaram a América do Norte através do Estreito de Bering por volta de 11.500 anos A.P. Esta hipótese é conhecida como *Clovis First*, pois o primeiro sítio arqueológico com essa datação foi encontrado na cidade de Clóvis, Novo México, nos Estados Unidos. Desse modo, uma descoberta com uma data igual ou até mais antiga na região de Minas Gerais, no Brasil, quebraria esse paradigma. Aqui, deve-se salientar que a teoria proposta por Neves, conhecida como dois componentes biológicos principais, baseia-se na migração via Estreito de Bering, porém, postula uma vinda anterior a de Clóvis, a qual possuía uma morfologia negroide, mais parecida com os aborígenes australianos e não mongoloide, como a dos indígenas americanos atuais (NEVES; PUCCIARELLI, 1989, 1991; NEVES; PILÓ, 2008; NEVES *et al.*, 2014). Dessa forma, temos aqui um embate entre dois coletivos de pensamento, *Clovis First* e a teoria dos dois componentes biológicos principais e, seus respectivos estilos de pensamento, defendendo modelos de povoamento através de práticas, métodos e modos de divulgação diferentes. Todavia, como muito bem mostra Neves e Piló (2008, p. 72), os teóricos da *Clovis First* e suas instituições comandavam a aceitação de teorias e hipóteses no campo arqueológico mundial. Esse controle se dava tanto por meios científicos como: publicações em periódicos de prestígio quanto economicamente: através de pesquisas muito bem financiadas. Já o coletivo de pensamento contrário, que se focava mais em pesquisas na América do Sul e acreditava em uma antiguidade maior, não se encontrava tão estabilizado e institucionalizado. Seria apenas com a confirmação do status de Luzia como possuindo uma antiguidade correlata a de Clóvis, e também com o achado do homem de Kennewick¹⁰, que os trabalhos científicos propondo essa outra visão ganhariam mais alcance. Isso gerou também um dos maiores projetos arqueológicos no Brasil, o Projeto Origens e Microevolução do Homem na América (2004-2009), o qual expandiu as pesquisas na região de Lagoa Santa (NEVES; PILÓ, 2008).

Foi com a reconstituição facial de Luzia que a arqueologia brasileira atingiu seu ápice frente ao contexto científico da época. Finalmente ela tinha sua Lucy, sua Eva. A ciência arqueológica brasileira alcançava assim, uma visibilidade nunca antes vista. O irônico é que, sendo a arqueologia uma disciplina arraigada tão fortemente ao machismo, desde as práticas de campo até nas discursivas, uma mulher transformava-se em seu símbolo máximo. Mesmo que grandes nomes da arqueologia brasileira sejam de mulheres, o trabalho de campo ainda é considerado, por muitos profissionais, como coisa de homem. Além disso, os materiais arqueológicos mais pesquisados mostram um apagamento do papel da mulher indígena nas narrativas sobre o passado (RIBEIRO, 2017).

Os instrumentos líticos, por exemplo, são geralmente interpretados como manufaturados e de uso masculino (LIMA, 2003, p. 133), já os vasilhames cerâmicos, geralmente produzidos por oleiras, não têm corriqueiramente interpretações a esse respeito. A arqueologia brasileira teve muitas de suas teorias e seus alicerces baseados no estudo cerâmico, seja na definição de áreas culturais ou de migrações populacionais. Sendo assim é basicamente uma arqueologia da e sobre as mulheres indígenas. Nos últimos anos cada vez mais esforços e perspectivas teóricas vêm surgindo e mudando esse quadro teórico e analítico.

DO OSSO AO BARRO

A descrição no item acima sobre o registro arqueológico produzido e os métodos de datação, mostra como este campo é permeado por confusões, incertezas, subjetividades e instabilidades. Logo, não devemos achar que isso só ocorre em ambientes não controlados, não esterilizados, como os trabalhos de campo e escavações. Os laboratórios, como diversos trabalhos focados no estudo da Ciência e da Tecnologia nos mostram (DOMÈNECH, TIRADO, 1998; LAW, 2004; LATOUR, 2011), também não são um local de pureza, objetividade e estabilidade. E são exatamente essas tecnologias e campos, essas interações, essas interferências e essas instabilidades e estabilidades que começarão a ser mapeadas a partir de agora.

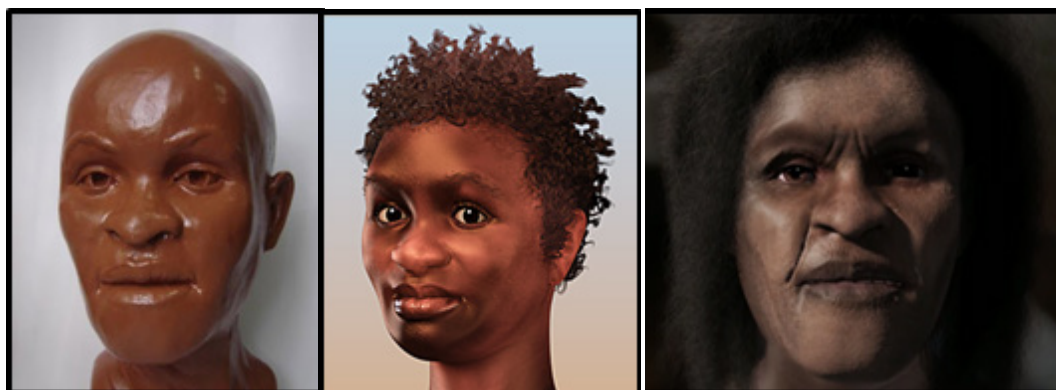
Entendendo as tecnologias como “práticas de visualização” (HARAWAY, 1995, p. 28), ou seja, tanto como um modo de ver e construir o mundo, quanto de criar algo visível e de dar visibilidade a alguma coisa (em detrimento de outras), tem-se um ponto importante através do qual o caso de Luzia pode ser pensado. Afinal, aqui entra a importância das tecnologias em criar uma face visível de Luzia, uma face não apenas com a qual podemos nos relacionar de forma mais empática – diferente de um crânio sem mandíbula e com dentes faltantes –, mas que também nos diz e nos mostra algo, afinal foi construída para isso. Alguns visualizam a primeira brasileira, outros a teoria dos dois componentes biológicos principais, já outros, e é aqui que esse artigo se insere, visualizam uma rede interligada de constituição e performatização dessas diferentes visões¹¹. É essa Luzia, enquanto verdade e discurso, que deve ser implodida, traçando todas as conexões que a perpassam e a constituem enquanto fato científico. Sendo assim, debruçamo-nos a partir de agora sobre os processos de reconstituição facial.

A primeira reconstituição de Luzia foi feita por Richard Neave, um bioantropólogo forense da Universidade de Manchester, e financiada pela rede BBC para um documentário sobre o povoamento da América em 1999. O principal problema para moldar uma face antiga são os tecidos moles: o nariz, os lábios, as orelhas e os olhos. Essa dificuldade se apresenta desde o início dessa possibilidade de reconstituição e perpassa diferentes métodos (SALLES *et al.*, 2006). Deste modo, as principais críticas que se fazem às reconstituições são devido à alta variabilidade individual da face humana, a influência da idade, da dieta nutricional, de patologias e a falta de critérios exatos para definição de detalhes sutis no rosto (SOUZA, 2006, p. 79; SALLES *et al.*, 2006, p. 176). O rosto de Luzia, por exemplo, no que tange à definição do tom de sua pele e do formato dos tecidos moles, baseou-se em uma análise comparativa com populações atuais que possuem o mesmo tipo morfológico cranial (SALLES *et al.*, 2006, p. 182). Para um resultado mais fidedigno, seria importante resgatar dados

dos ossos do esqueleto e do contexto cultural, histórico e social de Luzia para definir com mais exatidão certos detalhes (SOUZA, 2006, p. 83). Além da reconstituição de Richard Neave se basear apenas em uma tomografia digital do crânio, não se levou em conta a possível modificação de parâmetros anatômicos craniais desde a época em que Luzia viveu. Salienta-se também que, embora Luzia tenha traços negroides isso não necessariamente indica que a cor de sua pele era negra, porém, sua reconstituição facial, devido em parte ao material argiloso marrom-avermelhado usado (GASPAR NETO; SANTOS, 2009, p. 456), apresenta essa característica, logo, sendo visível, transforma-se em realidade (GASPAR NETO; SANTOS, 2009, p. 461). Isso mostra que, embora a ciência de modo geral acredite que a história é mais bem contada por ossos e genes, por corpos que não podem mentir (M'CHAREK, 2010 p. 3), isso não ocorre bem assim.

Com a reconstituição facial feita por Richard Neave não era mais apenas os dados craniométricos de Neves que diziam que ela era negroide, mas agora sua própria fisionomia mostrava isso, sem precisar articular uma palavra. E não é apenas essa a única face de Luzia, embora seja a mais conhecida, que se tem hoje em dia. Outros artistas têm suas visões sobre a fisionomia de Luzia, dependendo do método por eles utilizado, certos traços, características e expressões são modificadas. Há uma diferença entre moldar uma face em resina ou argila, como foi com Neave, e o uso de tecnologias digitais, moldando a face através da tela de um computador com um modelo 3D. Pode-se ver na Imagem 1 como a face de Luzia, mesmo mantendo alguns traços parecidos (principalmente nariz, lábios e cor da pele), difere-se muito dependendo do modo de reconstituição e do autor da mesma.

A face mais conhecida de Luzia a apresenta calva, isso porque a única pista que o crânio poderia fornecer seria a da linha de implantação dos cabelos, todavia, isso não foi possível devido ao grau de conservação do crânio (SALLES *et al.*, 2006, p. 177). Obviamente o tipo de corte de cabelo da época também é desconhecido. Já nos outros rostos representados aqui, Luzia tem cabelos. M'Charek (2010) mostra que os cabelos, seu comprimento e corte, são um objeto político e racial, eles performam identidades e pertencimento a um certo grupo social e/ou cultural. Os cabelos impostos nas outras duas reconstituições de Luzia reforçam e denotam mais características negras, da negritude, reforçando a diferença com os indígenas.



Se até então o Hominídeo I da Lapa Vermelha IV era considerado como pertencente a um grupo indígena (ou paleoíndios¹⁵) a descoberta (ou construção) de suas características negroides e de sua antiguidade mudam esse panorama. A sua raça e pertencimento temporal formam Luzia enquanto um objeto, um fato científico e uma pessoa de alto interesse. Como nos alerta M'Charek (2014, p. 23), os objetos dobrados não são políticos pelo que há dentro deles, mas sim por como eles são dobrados. A raça e nacionalidade de Luzia se apresentam como ligadas intrinsecamente tanto à tecnologia, quanto à política, sendo utilizadas em um discurso de homogeneidade estatal e de brasilianidade.

Observa-se assim, como diferentes aliados são alistados pelo coletivo de pensamento que defende a antiguidade de Luzia e as características que são elencadas como presentes e ausentes para constituí-la como a conhecemos. Aqui entra tanto o legado e a importância da região de Lagoa Santa, quanto os métodos de datação, as medições craniométricas, as teorias arqueológicas e os métodos de reconstituição facial. Todavia, além desses aliados científicos que alçaram Luzia ao status que possui atualmente, há outro aliado muito importante. Como o próprio Neves afirma em entrevista, a mídia foi muito importante para a validação de Luzia, transformando-a em um sucesso midiático¹⁶. E é exatamente a mídia, mas obviamente com participação da arqueologia¹⁷, que criou a característica mais marcante, pelo menos no que tange à extroversão e divulgação de Luzia: sua identidade como a primeira brasileira.

DE INDÍGENA A BRASILEIRA

Desde a década de 1990, quando Luzia ganhou seu status internacional de grande descoberta científica, a cobertura midiática não parou de fabricar produtos a seu respeito. Um dos meios mais utilizados são as vídeo-reportagens e documentários acerca da descoberta da primeira brasileira. Se por um lado a mídia impulsionou Luzia como uma grande descoberta científica brasileira, gerando diversos outros projetos e financiamentos, além de visibilidade internacional, por outro, criou uma linha do tempo completamente esquizofrênica. Nessa versão os brasileiros chegaram antes dos indígenas. Esse discurso surgiu logo nas primeiras notícias na mídia brasileira sobre Luzia. Na reportagem da Folha de São Paulo de 5 de abril de 1998 a linha que abre o artigo é: “a ideia corrente de que foram os índios os primeiros a habitar o território brasileiro recebeu um forte abalo neste fim-de-semana. Luzia, a primeira brasileira conhecida, não era índia”¹⁸. Tal discurso e alcunha não se detiveram apenas a jornais impressos, mas foram reproduzidos em diferentes mídias, desde a TV até outdoors e materiais didáticos em escolas, transformando essa “peça arqueológica”, em uma pessoa, em uma cidadã do Brasil (GASPAR NETO; SANTOS, 2009). Cabe ressaltar que esse discurso se mantém há mais de vinte anos. Em uma das últimas reportagens que foram ao ar, no programa Fantástico da Rede Globo em dezembro de 2014¹⁹, no início da gravação, um dos apresentadores fala sobre a antiguidade do Povo de Luzia e diz: “Esse povo chegou muito antes até do que os índios”.

A dobra, ou melhor, o modo como é feita a dobra do objeto, Luzia neste caso, aproxima dois tempos, histórias e identidades diferentes: A presença indígena milenar na área cárstica de Lagoa Santa se liga, com esse movimento, à brasilianidade e à proximidade da celebração dos 500 anos do Brasil. Nesta dobra os eventos, características e categorias posteriores se sobrepõem às primeiras. Tanto a raça quanto a nacionalidade

de Luzia não são definidas somente por dados biológicos, referentes ao DNA e a outras medições, mas também, pelas histórias e políticas entrelaçadas em sua construção. Essas categorias não são apenas dadas ou descobertas, mas são principalmente atuadas, são postas em prática. Identidade, nesse caso, seja indígena, negra, branca ou brasileira, é relacionada à genética, ao DNA e à cor da pele somente, e não às questões culturais. Luzia não pode ser indígena, pois sua cor de pele não a permite dentro da análise e discurso dominante. E, logo, não sendo indígena, só pode ser brasileira.

Tal discurso acaba causando um distanciamento cultural, social e histórico ainda maior dos indígenas em relação aos não-indígenas, aos brasileiros. Isso fica ainda mais claro quando notamos que Luzia surge, através da reconstituição de Richard Neave e dos trabalhos de Neves, no final dos anos 1990. Poucos anos depois se comemoraria o aniversário de 500 anos do Brasil, evento que buscava a afirmação simbólica e política da nação e da identidade brasileira, mas que contou, obviamente, com a pressão contrária dos movimentos indígenas, negro e dos sem-terra, sendo assim: “Luzia foi absorvida pelo contexto sociopolítico e cultural do Brasil na virada do último século, passando a ser estreitamente associada ao imaginário nacional sobre o passado biológico, étnico e cultural dos brasileiros” (GASPAR NETO; SANTOS, 2009, p. 460). A festa organizada pelo Governo brasileiro para celebrar os 500 anos do Brasil, em fato servia para reforçar a história colonial dos últimos cinco séculos e sua ideologia, na tentativa de criar uma memória coletiva unificada (SILVA, 2003), deixando de lado, em posição subserviente e secundária, os grupos indígenas e negros brasileiros. Enquanto celebrações sobre a relação entre Brasil e Portugal ocorriam, os grupos ditos minoritários marchavam pelas ruas do país demandando direitos e afirmando uma outra narrativa histórica, a de resistência e etnocídio (HERSCHAMNN; PEREIRA, 2000). A fabricação de Luzia serviu, desse modo, tanto para um fortalecimento da ciência brasileira no cenário mundial, quanto no fortalecimento de um discurso nacional megalomaniaco de unificação da diversidade cultural, seja pretérita ou atual, em uma única identidade brasileira.

Seguindo as ideias de Haraway (2004a) sobre a relação entre a ciência, o discurso racial e o parentesco biológico, pode-se dizer que a ligação de Luzia com os brasileiros não é construída através de sua raça, sua genética e nem exatamente por uma linhagem, mas sim por uma identidade anterior ao que os brasileiros não são (ou não querem ser): indígenas. A brasilidade de Luzia é uma ferramenta de esvaziamento político e histórico dos povos indígenas no Brasil. A primeira brasileira é mais um signo do multiculturalismo²⁰, uma ferramenta de manutenção do *status quo*, de permanência das diferenças entre os estoques raciais, separando indígenas e negros de brancos/brasileiros (GASPAR NETO; SANTOS, 2009, p. 470). Esse discurso sobre Luzia cria uma versão da história na qual a dita superioridade indentitária, social e cultural dos brasileiros frente aos povos e comunidades indígenas e negras é fruto não apenas de ações genocidas, de exclusão e de preconceito, mas também de uma anterioridade temporal que nunca existiu.

Aqui peço ao leitor espaço para uma dupla digressão, uma como antropólogo voltado ao estudo da ciência, e outra como arqueólogo. Pode-se dizer que houve dois grandes coletivos de pensamento na formação da arqueologia brasileira: a Escola Americana representada pelo PRONAPA²¹, e a Escola Francesa representada pela Missão Francesa²². Seus estilos de pensamento, seguindo o conceito de Fleck (2010), ainda se mantêm fortemente arraigados, atualmente, embora cada vez mais novas perspectivas

teóricas e metodológicas venham surgindo e sendo utilizadas, seja pelos materiais analisados (cerâmica ou lítico), seja pelos métodos utilizados (seriação ou cadeia operatória), porém, ambos partilham de um pensamento em comum: a não ligação, ou o enorme distanciamento, dos artefatos arqueológicos analisados das populações indígenas históricas e/ou atuais. Essa distância se dá principalmente por uma divisão disciplinar entre arqueologia e antropologia no contexto brasileiro²³ e pelo fetiche tecno-tipológico de análise que os arqueólogos possuem. Isso não apenas mantém a autoridade do arqueólogo como formador de conhecimento, mas também afasta outras ontologias e epistemologias que podem causar mudanças e quebras de paradigmas nessa ciência (GNECCO, 2012; HABER, 2011). A arqueologia brasileira anda a lentos e pequenos passos em direção a aprofundar os debates acerca dessa violência epistêmica.

Entretanto, também não podemos ser ingênuos colocando a culpa apenas nos cientistas. Luzia não é apenas um crânio pré-histórico, é também, e talvez principalmente, um bem da União²⁴. Logo, pertencendo legalmente ao estado, é passível mais facilmente de ser usado como uma ferramenta de legitimação e de construção de uma identidade nacional, como uma forma de discurso de autoafirmação frente ao outro. E é exatamente isso que ocorre com Luzia. O estado nacional ativa a patrimonialização de Luzia enquanto um símbolo nacional, escondendo assim as controvérsias que a cercam sobre a sua identidade²⁵. Em nenhum dos estudos e análises arqueológicas, biológicas e genéticas de Luzia foi definida sua nacionalidade, por motivos óbvios, devido a sua antiguidade. Todavia, as diversas entidades performadas em e por Luzia sua raça, seu gênero e sua datação foram associadas, em um jogo de presença e ausência, pelo Estado brasileiro, ainda mais na proximidade do evento dos 500 anos do Brasil, a uma identidade nacional. O objeto Luzia foi dobrado de forma que certos tempos, lugares e histórias mostrassem e afirmassem um discurso político de pertencimento a uma nação, de identificação e simbolismo de Luzia como a primeira brasileira, como um tipo de Eva do Brasil.

Luzia não é o único caso arqueológico dessas dobras: em 2002 foi encontrado na Holanda, na cidade de Eindhoven, um esqueleto de uma criança datada do século XIII. Esse achado foi considerado um dos mais importantes dessa região por ser um dos únicos esqueletos dessa época (M'CHAREK, 2010). Assim como Luzia, o crânio dessa criança, presumivelmente de um menino batizado de Marcus, passou por uma reconstituição facial. Seu rosto o mostra como um menino branco, holandês e saudável, até com bochechas rosadas, sendo um exemplo do progresso tecnológico e científico que abarca a arqueologia europeia e um símbolo da cidade de Eindhoven. Entretanto, análises mostram que boa parte do seu DNA tem origem mediterrânea e que ele sofria de anemia. A sua face reconstituída omite certos traços e salienta certas características que vão ao encontro de um discurso voltado para questões raciais e nacionais. Marcus, assim como Luzia, é um *folded object*, um objeto com diferentes camadas temporais e formadas por diversas controvérsias. Ambos atraem para si diferentes interesses e inquietações históricas, científicas e contemporâneas. Questões como o povoamento da América, a teoria de *Clovis First*, os 500 anos do Brasil, as diferentes práticas arqueológicas e de reconstituição facial são dobradas sobre si mesmas, formando Luzia. O ruído político (M'CHAREK, 2014) que o mapeamento da constituição como fato científico desses personagens demonstra são essas neutralizações identitárias, sociais e culturais frente a uma idealização do caráter nacional. Marcus foi produzido como um menino branco, como uma entidade neutra que poderia ser identificada pela população

holandesa e se transformar em um símbolo identitário e nacional (M'CHAREK, 2010, p. 11). Luzia, por outro lado, é apresentada menos enquanto negroide – ou negra dentro de uma visão mais simplista – do que como não indígena, como brasileira, e é aí que reside a sua identificação com a sociedade nacional.

Todavia, esse é apenas um dos momentos de estabilidade no qual essas características são colocadas como ausentes, mas, como nos adverte M'Charek, a história é sempre lembrada nos objetos, ela nunca é deixada para trás (M'CHAREK, 2010, p. 3), fica impregnada nas dobras. O objetivo aqui é exatamente o de desestabilizar Luzia e relembrar esta história. Os três momentos de deslocamento que narrei aqui não são para contar uma história linear, mas sim para mostrar como essas controvérsias, debates e histórias estão presentes, como que dobrados, em um produto final que não é homogêneo e uno, mas sim fluído.

Luzia é uma superstar que influenciou inclusive no batismo de outro esqueleto humano com uma antiguidade elevada: Luzio foi o nome dado ao esqueleto de um homem que vivia em um Sambaqui fluvial no atual Estado de São Paulo, há 10 mil anos A.P. (EGGERS *et al.*, 2011). Contudo, não apenas na arqueologia a presença de Luzia aparece. Na história em quadrinhos *Terra de Lund*²⁶, que faz referência ao famoso geólogo que primeiro pesquisou a região de Lagoa Santa, há uma personagem com o mesmo nome de nossa protagonista. Entretanto, o que salta aos olhos é que a mulher de nome Luzia possui fenótipo caucasiano, inclusive com cabelos ruivos. Mesmo o projeto dizendo que se baseia em dados arqueológicos e paleontológicos, além de ser voltado para o público infantil, com a produção de tiras, história em quadrinhos e desenhos animados, o erro crasso do fenótipo branco é feito. Continuar no equívoco de representar Luzia com tez negra sem problematizar isso é um incômodo²⁷, porém, branqueá-la e, essa característica permanece em outros personagens, é de uma violência epistêmica absurda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO BRASIL ÀS CINZAS

Os estudos da antropologia da ciência permitem que se reflita e se descreva de forma crítica e aprofundada como fatos e verdades científicas são fabricados e recebem o status de objetivos e comprovados. O exercício de fazer a implosão desses objetos, e dos discursos que os compõem, demonstra como a ciência está emaranhada pela política, pelo social, pelo econômico e pelo cultural. Ciência, assim, não pode ser entendida como imparcial e neutra. A reconstrução facial de esqueletos pré-coloniais ao dar um rosto ao passado permite uma relação mais complexa entre o público, o objeto científico e a arqueologia. Entretanto, se os esqueletos e crânios, enquanto apenas ossos, não são elevados e entendidos enquanto pessoas e personagens, as suas faces desveladas pelos métodos científicos ganham muitas vezes esse status. O rosto de Luzia, juntamente, com a sua antiguidade performam e ativam a identidade criada de primeira brasileira, assim como o rosto de Gufan, criado através de um crânio de um indígena Jê pré-colonial, representa o “paranaense de dois mil anos”²⁸. São às dobras, às controvérsias escondidas, à multiplicidade e fluidez de objetos científicos, às identidades criadas e performadas nos e pelos artefatos arqueológicos aos quais devemos prestar atenção.

385 No caso de Luzia, como tentei mostrar aqui, as histórias de Peter Lund, de Laming-Emperaire, de Neves, de Lagoa Santa, do Povoamento da América e dos 500

anos do Brasil, são colocadas em uma narrativa que não é linear, mas sim espiralada, afinal, tanto esses personagens quanto esses contextos interagem um com o outro em diferentes momentos. E isso ocorre também com as práticas, científicas ou não, que são acionadas ao longo da narrativa de Luzia – como a escavação arqueológica, as datações, a craniometria, a reconstituição facial e a extroversão midiática, entre outras. E é principalmente essa mídia, através de diversos meios, que transporta Luzia no tempo e no espaço, transformando-a em um ser onipresente, transitando entre o passado e o presente (GASPAR NETO; SANTOS, 2009, p. 467). Se os *folded objects* não são políticos pelo o que os compõe, mas sim pelo modo como são dobrados (M'CHAREK, 2014, p. 23), podemos afirmar que Luzia só é Luzia, a primeira brasileira devido ao processo de construção dessa identidade, e ao apagamento de outras possíveis.

No final da reportagem produzida pelo Fantástico em 2014 vemos o rosto de Luzia fazendo uma transição para outros rostos, que por sua parte, transformam-se em outros de diferentes cores e fisionomias. Não há nenhuma face indígena. Essa edição lembra-nos do clipe musical *Black or White* de Michael Jackson, no qual essas transformações faciais também ocorrem, e também de *SimEve*, a nova face da América, construída através de diferentes fisionomias de etnias que moram nos Estados Unidos (HARAWAY, 2004, p. 278). Esse rosto feminino da Eva do futuro, que estampa a capa de uma edição do *Time Magazine* sobre migração nos Estados Unidos, foi criado por um programa de computador para mostrar o futuro mestiço do país, “uma síntese racial ideal” (HARAWAY, 2004, p. 278-280). Assim como a *SimEve*, signo do multiculturalismo e de um projeto político-ideológico, é a face e o símbolo de um futuro norte-americano, Luzia é a face e o símbolo não apenas de um passado, mas também de um presente e de um projeto de futuro para o Brasil.

Tragicamente, o projeto de futuro do Brasil nos últimos anos, talvez décadas, é um projeto de sucateamento da cultura e das instituições culturais e educativas no país como um todo. Os financiamentos e apoio a Museus e projetos científicos minguam cada vez mais no Brasil. Isso foi uma das causas de, no dia dois de novembro de 2018, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, a última casa de Luzia, ter sido consumido pelo fogo. O incêndio de grandes proporções destruiu grande parte do acervo do Museu, desde o documental, até o etnológico e arqueológico. Luzia se encontrava em algum dos cômodos do Museu. Como não podia ser diferente, seguindo o roteiro de toda a sua história e dobras temporais, há várias controvérsias cercando o destino do crânio de Luzia no incêndio. O crânio exposto na exibição era uma réplica, estando o verdadeiro em uma caixa de ferro dentro de um armário de aço no Museu. Um dos bombeiros conseguiu se aproximar do local onde estaria guardada Luzia, todavia, ao abrir a porta do armário, encontrou-o vazio e já se retorcendo pelo calor²⁹. Alguns dias mais tarde relataram que um crânio havia sido encontrado nas cinzas do Museu e que este poderia ser Luzia³⁰. Um mês depois foi noticiado que fragmentos do crânio de Luzia, em torno de 80%, foram encontrados e que o processo de reconstrução iria iniciar³¹.

A primeira brasileira foi um dos motivos de aflição e luto que fez com que na noite do incêndio, indígenas e não indígenas, cientistas, arqueólogos e a comunidade brasileira se encontrassem em frente ao Museu Nacional em chamas. Lamentavam, choravam e se indignavam com a destruição do Museu mais antigo do Brasil, com a destruição de um acervo gigantesco de todas as áreas e disciplinas das ciências, com o desapareci-

mento nas chamas e nas cinzas do crânio do Hominídeo I da Lapa Vermelha IV.

O crânio foi destruído, mas Luzia, enquanto personagem, enquanto fato e objeto científico, enquanto construto social, cultural e político, enquanto face da primeira brasileira permanece.

IMPLODING LUZIA: TRACING THE CONSTRUCTION OF RACE, ETHNICITY AND NATIONALITY IN BRAZILIAN ARCHAEOLOGY

Abstract: this article propose to analyze the construction of archaeological knowledge about Luzia, the most ancient hominid found in Brazil. Tracing the different places, times, methods and theories by which the skull of the “Hominid I of Lapa Vermelha IV” passed through, we pretend to show how her identity as the first brazilian was formed by the brazilian archaeology and by the media. Following controversies and debates about Luzia, since her finding in the 1970s until the solidification of her brazilian identity in the 1990s and the maintenance and use of this truth until today, we notice how Luzia became a scientific fact of great relevance for the brazilian and global archaeology. The implosion – concept proposed by Haraway – of the process of knowledge construction and its extroversion about Luzia, show us how the concepts of race, ethnicity and nationality are constituted by brazilian Archaeology.

Keywords: *Anthropology of Science. Archaeology. Luzia.*

Notas

- 1 Sítios litorâneos constituídos principalmente de conchas de moluscos. Os maiores, nos estados de Santa Catarina e Paraná, chegam a 70 metros de altura.
- 2 Coincidentemente é nesse ano que Lucy, o descendente mais antigo dos humanos até então, é descoberta na Etiópia. Lucy viria a ser a influência do nome Luzia.
- 3 A localização exata do crânio não é conhecida, pois algumas anotações de campo feitas por Laming-Emperaire foram perdidas após sua morte em 1977 (FEATHERS et al., 2010, p. 400). O artigo de 1979 é póstumo.
- 4 Esses outros ossos, principalmente na região da bacia, não foram estudados e pesquisados com tanta ênfase quanto o crânio.
- 5 A certeza de que se tratava de uma mulher com essa média de idade só veio com a publicação de Neves et al. (1999).
- 6 Não são apresentados claramente os motivos dessa suposição.
- 7 Antes do Presente, refere-se ao ano de 1950, base para a datação de Carbono 14.
- 8 Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=186>> Acesso em: 12/07/2016.
- 9 Os próprios autores do artigo apontam algumas controvérsias durante o processo de datação. Uma análise mais aprofundada dos métodos e matérias usados seria de extremo interesse, porém não nos cabe neste trabalho.
- 10 Esqueleto humano datado com quase 9 mil anos A. P. e com morfologia caucasóide encontrado nos Estados Unidos. Assim como Luzia, o Homem de Kennewick levantou diversos debates sobre a sua relação com povos indígenas americanos (THOMAS, 2000).
- 11 Claro que há diversas outras possibilidades de visões. Sendo o autor que aqui escreve um homem branco certas questões me fogem de vista (e outras coloco em ausência, intencionalmente ou não), como por exemplo, problemáticas mais voltadas para gênero e cor.
- 12 Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_uZ36BDz9F6g/S3dTsbDjXEI/AAAAAAAAAR8/izeMBYEe32k/s320/LUZIA+final.JPG> Acesso em: 09/01/2017.
- 13 Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/IMG_Montagem_wiki_sharpen.png> Acesso em: 09/01/2017.
- 14 Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/jornada-da-vida-mostra-origem->

- dos-brasileiros-ha-13-mil-anos.html> Acesso em: 09/01/2017.
- 15 Os humanos que viviam no período do Pleistoceno e do Holoceno tardio são denominados comumente como paleoíndios, os diferenciando dos indígenas históricos.
 - 16 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u-mbnL_6b5k> Acesso em: 09/01/2017.
 - 17 O livro O Povo de Luzia (NEVES, PILÓ, 2008), de divulgação para o grande público, traz em sua orelha, assinada por Marcelo Leite, que Luzia é um ícone popular para construir a identidade do povo brasileiro.
 - 18 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe05049801.htm>> Acesso em: 03/10/2018.
 - 19 Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/jornada-da-vida-mostra-origem-dos-brasileiros-ha-13-mil-anos.html>> Acesso em: 09/01/2017.
 - 20 Multiculturalismo como processo de transformação do patrimônio em mercadoria e do apagamento e domesticação das diferenças através de um discurso vazio de diversidade cultural controlado e financiado pelo estado (GNECCO, 2012, 2015).
 - 21 O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas que perdurou de 1965 a 1970, formando alguns arqueólogos no Brasil inteiro e influenciando diversos nas décadas seguintes. O principal objetivo do Programa era mapear as áreas de Tradições Arqueológicas no território brasileiro, focando-se principalmente no estudo da tecno-tipológico da cerâmica. A grande idealizadora do PRONAPA foi Betty Meggers arqueóloga norte-americana.
 - 22 Annete Laming-Emperaire foi o grande nome desta escola, e a “descobridora de Luzia”. A formação arqueológica francesa, mais focada no estudo dos instrumentos líticos, não teve tanta abrangência nacional quanto o PRONAPA, mas tem grande influência principalmente no nordeste e sudeste do Brasil.
 - 23 Um exemplo curioso disso são os títulos de dois livros sobre a temática da arqueologia e da história indígena no período pré-colonial: um, escrito pelo arqueólogo André Prous, se chama “O Brasil antes dos brasileiros” (2006); o outro, do antropólogo Carlos Fausto, “Os índios antes do Brasil” (2000).
 - 24 Pela legislação vigente todo e qualquer achado arqueológico é propriedade da União.
 - 25 Um caso emblemático dessa estratégia e sistema de patrimonialização afim de silenciar as controvérsias acerca do pertencimento identitário e/ou nacional de um bem cultural é o da Missão Jesuítica de São Miguel das Missões (MARCHI, FERREIRA, 2014).
 - 26 Disponível em: <<http://www.terradelund.com.br>> Acesso em: 09/01/2016.
 - 27 Walter Neves, em entrevista para a Diplomatique, entende que a imprensa “encurta” muito o caminho do conhecimento científico até o público geral, o que tem seus pontos positivos. Embora afirme que este mesmo meio simplificou suas ideias, gerando este equívoco da cor de pele negra de Luzia.
 - 28 Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/ferias-verao/2017/noticia/2017/01/museu-paranaense-abre-exposicao-gufan-o-paranaense-de-dois-mil-anos.html>> Acesso em: 05/10/2018.
 - 29 Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/04/bombeiros-encontram-cranio-em-meio-aos-escombros-do-museu-nacional1.ghtml>> Acesso em: 04/10/2018.
 - 30 Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2018/09/04/para-museu-nacional-ainda-nao-ha-prova-de-que-cranio-achado-seja-de-luzia.htm>> Acesso em: 20/10/2018.
 - 31 Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/10/19/fossil-de-luzia-poder-ser-encontrado-em-escombros-do-museu-nacional-dizem-pesquisadores.ghtml>> Acesso em: 20/10/2018.

Referências

- DOMÈNECH, M.; TIRADO, F. X. (Org.). *Sociología simétrica: ensayos sobre ciencia, tecnología y sociedad*. Barcelona: Gedisa, 1998.
- DUMIT, Joseph. Writing the implosion: teaching the world one thing at a time. *Cultural Anthropology*, v. 29, issue. 2, p. 344–362, may, 2014.
- EGGERS, Sabine; PARKS, Maria; GRUPE, Gisela; REINHARD, Karl. Paleoamerican diet, migration and morphology in Brazil: Archaeological Complexity of the Earliest Americans. *Plos One*, San Francisco, v. 6, issue. 9, p. 1-8, sept. 2011.

- FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. São Paulo: Zahar, 2000.
- FEATHERS, James; KIPNIS, Renato; PILÓ, Luís; ARROYO-KALIN, Manuel; COBLENTZ, David. How old is Luzia? Luminescence dating and stratigraphic integrity at Lapa Vermelha, Lagoa Santa, Brazil. *Geoarchaeology*, v. 25, n. 4, p. 395-436, 2010.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. *Território primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1870-1917)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- FONTUGNE, Michel. New radiocarbon ages of Luzia woman, Lapa Vermelha IV Site, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brazil. *Radiocarbon*, vol. 55, n. 2-3, p. 1187-1190, 2013.
- GASPAR NETO, Verlan Valle; SANTOS, Ricardo Ventura. A cor dos ossos: narrativas científicas e apropriações culturais sobre Luzia, um crânio pré-histórico do Brasil. *Mana*, v. 15, n. 2, p. 449-480, 2009.
- GNECCO, Cristóbal. Arqueologia multicultural. Notas intempestivas. *Complutum*, v. 23, n. 2, p. 93-102, 2012.
- GNECCO, Cristóbal. Heritage in multicultural times. In: WATERSON, Emma; WATSON, Steve (Ed.). *The Palgrave Handbook of Contemporary Heritage Research*. Palgrave Macmillan, 2015, p. 263-280.
- GONZÁLEZ-JOSÉ, Rolando et al. The peopling of America: craniofacial shape variation on a continental scale and its interpretation from an interdisciplinary view. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 137, n. 2, p. 175-187, 2008.
- HABER, Alejandro F. Arqueologia, fronteira e indisciplina. *Habitus*, v. 9, n. 1, p. 5-16, jan./jun. 2011.
- HARAWAY, Donna. Modest_witness@second_millennium. In: HARAWAY, Donna. *The haraway reader*. New York/London: Routledge, 2004b, p.223-250.
- HARAWAY, Donna. Race: universal donors in a vampire culture. It's all in the family: biological kinship categories in the twentieth-century United States. In: HARAWAY, Donna. *The Haraway reader*. New York/London: Routledge, 2004a, p.251-193.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 1995.
- HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. E la nave va... as celebrações dos 500 Anos no Brasil: afirmações e disputas no espaço simbólico. *Estudos Históricos*, v. 14, n. 26, p. 203-215, 2000.
- HODDER, Ian; HUDSON, Scott. *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge University Press, 2003.
- HURT, Wesley Robert; BLASI, Oldemar. O projeto arqueológico Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil:(Nota final). *Arquivo do Museu Paranaense*, Curitiba, n. 4, 1969.
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. Missions archéologique francobrésiennes en Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil: le grand abri de Lapa Vermelha. *Revista de Pré-História*, São Paulo, v. 1, p. 53-89, 1979.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2011.
- 389 LAW, John. *After method: mess in social science research*. New York: Routledge, 2004.

- LIMA, Tânia Andrade. Estudos de gênero na Arqueologia Brasileira: por que não? *Habitus*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 129-139, jan./jun. 2003.
- M'CHAREK, Amade. Beyond fact or fiction: on the materiality of race in practice. *Cultural Anthropology*, v. 28, n. 3, p. 420-442, 2013.
- M'CHAREK, Amade. Fragile differences, relational effects: stories about the materiality of race and sex. *European Journal of Women's Studies*, v. 17, n. 4, p. 1-16, 2010.
- M'CHAREK, Amade. Race, time and folded objects: the hela error. *Theory, Culture & Society*, v. 31, n. 6, p. 29-56, nov. 2014.
- MARCHI, Darlan de Mamann; FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. A ativação patrimonial de São Miguel das Missões/RS. O monumento e a ação do Estado. *UCSal*, v. 16, n.3, p. 152-66, out./2014.
- MELLO E ALVIM, Marília Carvalho de. Os antigos habitantes da área arqueológica de Lagoa Santa (MG-Brasil) – Estudo Morfológico. *Arquivos do Museu Nacional de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 2, p. 119-174, 1977.
- NEVES, Walter A.; PUCCIARELLI, Hector M. Extracontinental biological relationships of early South American human remains: a multivariate analysis. *Ciência e Cultura*. v. 41, p. 566-575, 1989.
- NEVES, Walter A.; PUCCIARELLI, Hector M. Morphological affinities of the first Americans: an explanatory analysis based on early South American human remains. *Journal of Human Evolution*, v. 21, p. 261-273, 1991.
- NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luís Beethoven. *O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos*. São Paulo: Globo, 2008.
- NEVES, Walter Alves; POWELL, Joseph; PROUS, André; OZOLINS, Erik; BLUM, Max. Lapa Vermelha IV Hominid I: Morphological affinities of earliest known American. *Genetic and Molecular Biology*, v. 4, n. 22, p. 461-469, 1999.
- NEVES, Walter Alvez; HUBBE, Mark; STRAUSS, André Menezes; BERNARDO, Danilo Vicensotto. Morfologia craniana dos remanescentes ósseos humanos da Lapa do Santo, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil: implicações para o povoamento das Américas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, v. 9, n. 3, p. 715-740, set./dez. 2014.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UnB, 1991.
- PROUS, André. *O Brasil antes dos brasileiros: a Pré-história do nosso País*. São Paulo: Zahar, 2006.
- RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 210-234, 2017.
- SALLES, Adilson D.; SOUZA, Sheila Maria; BRAZ, Valéria S. Reconstruindo faces: revendo a história. In: SILVA, Hilton P., RODRIGUES-CARVALHO, Claudia (Org.). *Nossa origem: o povoamento das Américas: visões multidisciplinares*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006, p. 17-185.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SILVA, Kelly Cristiane da. A nação cordial: uma análise dos rituais e das ideologias oficiais de comemoração dos 500 anos do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.

18, n. 51, p. 141-160, fev. 2003.

SOUZA, Sheila Mendonça de. Rostos perdidos, rostos revelados. *Insight Inteligência*, p. 74-87, jan./fev./mar. 2006.

THOMAS, David Hurst. *Skull wars: Kennewick man, archaeology, and the battle for native american identity*. New York: Basic Books, 2000.

